



LÍNGUA PORTUGUESA NO TIMOR-LESTE: UMA LÍNGUA DA RESISTÊNCIA

Cleusa Todescatto
Alexandre S. Ferrari Soares

Um resumo desse texto foi apresentado no IV Congresso Internacional da AILP, com o tema: A Língua Portuguesa na Ásia sob a perspectiva da superdiversidade: ensino, pesquisa e promoção que ocorreu nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, promovido pela Universidade de Macau.

Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná e participante do Estágio docente no programa PQLP - Programa de Qualificação de Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste/CAPES. E-mail: ctodescatto@hotmail.com

Professor associado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail asferraris@globo.com

TODESCATTO, Cleusa; SOARES, Alexandre S. F. *Língua Portuguesa no Timor-Leste: uma língua da resistência*. In: **Revista Advérbio**, 2015, V.10, N. 20, p. 105-119.

RESUMO: Este artigo se alicerça nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso da linha francesa (doravante, AD), teorizada por Michel Pêcheux, em 1960. Tal teoria defende que o sujeito não está na origem do seu dizer, mas que, pela linguagem, materializa efeitos de sentidos nos discursos como se só pudesse dizer da forma como diz. Assim, tratamos da subjetividade como a inscrição do sujeito em uma formação discursiva, assujeitado ao ideológico, construindo memórias do passado e do futuro. Propomo-nos a analisar o funcionamento do discurso de quatro cidadãos timorenses questionados acerca da institucionalização da Língua Portuguesa (LP) como língua oficial do Timor-Leste. O material coletado é parte da prática de um curso de extensão, realizado por estudantes timorenses. Alicerçados, principalmente em teóricos como Pêcheux e Orlandi, elencamos nossos objetivos: 1) verificar como as marcas de subjetividade se inscrevem no discurso, 2) analisar as condições de produção às quais os discursos estão relacionados e 3) compreender de que forma as memórias discursivas se efetivam no discurso como produção da identidade timorense em relação à LP, língua oficial em Timor-Leste desde 2002, pela relação histórica que esse país manteve com Portugal desde a época da colonização (1512) até o processo de invasão da vizinha Indonésia (1975-1999). Nesse último período, a LP foi usada como meio de comunicação entre os guerrilheiros timorenses, em virtude disso, o imaginário sobre a LP ser uma língua da resistência se cristalizou nos discursos desse povo como uma marca de identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Língua Portuguesa; Timor-Leste.

ABSTRACT: This article is founded on theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis coming from the French line (henceforth AD), theorized by Pêcheux in 1960. This theory holds that the person is not in the origin of the say, but by the language it's possible to materialize effects of meanings in speeches as if she could only say the way she says. In this way, we deal of subjectivity as the inscription of the person in a discursive formation, subjugated to the ideological plan, building past and future memories. We analyze the functioning of the speech of four Timorese citizens asked about the institutionalization of the Portuguese Language (LP) as the official language of East Timor. The material collected is part of the practice of a course to East Timorese students. Grounded mainly on theoretical as Pêcheux and Orlandi, we list our objectives: 1) to verify the subjectivity marks fall within the speech. 2) analyze the production conditions which the discourses are related. 3) to understand how the discursive memories become effective in speech as production of Timorese identity in relation to the LP, the official language in East Timor since 2002, because the historical relationship that this country has maintained with Portugal since the time of colonization (1512) until the process of invasion of neighboring Indonesia (1975-1999). In this last period, the LP was used as a way of communication between East Timorese guerrillas, because of this, the imaginary about the LP be as a resistance language was crystallized in the speeches of these people as a brand of identity.

KEYWORDS: Discourse Analysis; Portuguese Language; East Timor.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo que propomos para este artigo tem como base teórico-metodológica a Análise de Discurso (doravante, AD) de orientação francesa. Tal teoria foi iniciada nos anos de 1960, na França, por Michel Pêcheux. No Brasil, foi introduzida por Eni Puccinelli Orlandi, nos anos de 1970.

Segundo Pêcheux e Fuchs (2010), a teoria da AD reside na articulação de três áreas do conhecimento: o materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações; a linguística como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação e a teoria do discurso como determinação histórica dos processos semânticos. Acrescenta-se a essa relação, ainda, uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, baseada em Lacan.

Cada uma dessas diferentes áreas tem fundamental importância para a constituição dessa disciplina de entremeio, que defende que o discurso está carregado de sentidos e que esses não são visíveis na transparência da linguagem – os quais serão desopacizados, levando em consideração o enunciado em suas condições de produção. Sobre o sujeito do discurso, esse é interpelado pelo inconsciente, ou seja, “o sujeito é falado antes de falar, e sua entrada no simbólico é a entrada em um sistema significante que remete a si mesmo, antes de construir redes de sentidos”, assinala Mariani (2008, p. 63).

A sujeição à ideologia e ao inconsciente, no entanto, não é algo sobre o qual o indivíduo tem controle ou acesso. Esse sujeito do discurso cindido, interpelado e contraditório (já se inscreve no jogo de múltiplas formações discursivas) retoma memórias ao enunciar com a marca da primeira pessoa do singular (eu) tendo a plena sensação ilusória, segundo o paradigma da AD, de ser o centro do sentido e a origem de seu dizer.

Pêcheux (1990) afirma que é preciso pensar a questão da linguagem como responsável por materializar o simbólico para o sujeito, que faz a relação de outros dizeres em seu contexto social. É na eficácia concreta das abstrações, materializada no enunciado, que ocorrem os deslocamentos e disfarces, de um mundo e de outro, o que constitui um só processo nas relações entre língua e história.

Considerando essas premissas, constituímos o *corpus* do estudo com enunciados de quatro timorenses, representantes das áreas da cultura e da educação, tidos como representantes da parte elitizada intelectualmente (como “formadores de opinião”) do Timor-Leste. As entrevistas foram elaboradas pelos estudantes, orientados pelos professores ministrantes do curso *A Língua Portuguesa em Timor-Leste*.

O objetivo que norteia esse trabalho é compreender como a veiculação do dizer “A Língua Portuguesa é uma língua da resistência” se cristalizou no pensamento coletivo dos timorenses, assumindo um potencial de “arma branca” na guerrilha que levou Timor-Leste a se tornar um país independente.

Como afirmam os materiais oficiais (RD¹TL, 2002¹), tal poder dado à Língua Portuguesa (doravante, LP) contribuiu para sua inserção de língua oficial, juntamente com a Língua Tétum, para um país de independência jovem, permeado por sonhos e vontade de crescimento, desejo de transpor as barreiras limitadas da ilha e se tornar um país membro da CPLP (Conjunto de Países da Língua Portuguesa).

Para analisar do ponto de vista da AD, chamamos para conhecimento, primeiramente, um breve resumo da história de Timor-Leste, partindo de sua colonização (1512) até sua independência (1999). A seguir, traçaremos uma síntese da história das línguas do país e da ascensão da LP ao *status* de língua oficial e, por último, desenvolveremos as análises.

TIMOR-LESTE: UMA HISTÓRIA, MUITAS VIDAS

O Timor-Leste é um país relativamente desconhecido, que possui uma história forte de resistência à dominação estrangeira. O país passou por diferentes e intensos momentos históricos, desde a chegada dos portugueses no ano de 1512. Em 1515, os portugueses iniciaram o processo comercial com os nativos, negociando madeira e sândalo, entre outros produtos, em troca de roupas, armas, e outros utensílios, até então desconhecidos desse grupo. Em 1550, chegaram à ilha os frades dominicanos que, além de contribuir nas relações comerciais, deram início à prática do ensinamento da religião católica. No ano de 1702, após três tentativas frustradas, Portugal iniciou o processo de colonização, com a chegada do primeiro governador, António Coelho Guerreiro. Em 1864, Portugal decretou que Timor era um governo independente (1865-1878). O Timor se estabeleceu como distrito de Macau até o ano de 1889, que assumiu o país, administrativamente, por aquele período. Após se desvencilhar de Macau, o Timor caiu novamente nas “mãos dos portugueses” e, entre os anos de 1911 e 1912, foram mortos entre 15 e 25 mil timorenses, que se opuseram ao governo português, principalmente contra a alta dos impostos.

Conforme Thomaz (1994), no período de 1942-1945, o Japão invadiu o Timor e o fez refém por três anos (período da II Guerra Mundial) na tentativa de invadir a Austrália. Houve muitas mortes, muitas prisões, muita violência e, como resultado, o país ficou em ruínas.

Após a invasão do Japão, até os anos de 1974, o Timor-Leste viveu no mais completo abandono, o que favoreceu, em 1975, a invasão da vizinha Indonésia, que tomou o domínio do país por mais vinte e quatro anos (1975-1999). Neste período, a LP foi proibida de ser ensinada e

¹ RD¹TL – República democrática do Timor-Leste.

falada. Nas escolas, prevalecia a Língua Indonésia (o *Bahasa Indonésio*), o que, ainda hoje é um dos fatores mais fortes dos resquícios da ocupação e domínio daquele país.

A Indonésia investiu na educação no Timor-Leste. Foram construídas muitas escolas, assim como também foram disponibilizadas vagas para estudantes timorenses estudarem na Indonésia. Diferente do que fez Portugal, que se limitou ao ensino nos *sulcos*, o dominador espalhou informação e

entrou com todo o aparato de mídia de massa, incluindo apresentação e filmes, exibições, mídia impressa, rádio e televisão, sem mencionar a imposição de uma nova língua e de um novo conceito de estado ao povo timorense” (GUNN, 2007, p.50).

Mais do que a imposição da língua, há que se levar em conta: mais mortes, mais violência física e psicológica - esse acontecimento histórico, aliás, é considerado um dos mais violentos massacres do mundo. Os timorenses resistiram e lutaram com todas as armas que tinham, poucas perto das de um exército forte como o da Indonésia. A ocupação deu-se em todos os âmbitos nacionais. Segundo Gunn (2007),

durante os 24 anos da ocupação de Timor-Leste, o governo de Jacarta colocou em prática um complexo sistema burocrático condizente com o *status* de província imposto ao território ocupado. Mas essa era, acima de tudo, uma ocupação militar com profundo impacto na demografia, na sociedade, na economia, e, até mesmo, no meio ambiente de Timor-Leste. [...] A ONU somente se engajou novamente na questão de Timor-Leste em 1999, como facilitadora da histórica votação pela independência em 30 de agosto daquele ano (GUNN, 2007, p. 41).

Todos os investimentos, em terras timorenses, foram destruídos pela própria Indonésia (casas, portos, prédios públicos, estradas asfaltadas, etc.) quando Timor-Leste se fez independente, causando um grande abalo administrativo e estrutural. Assim como todo país independente, Timor-Leste começou a criar suas próprias leis e uma delas foi, em 2002, escolher a Língua Portuguesa como língua oficial, juntamente com a Língua Tétum, língua falada pela maioria dos timorenses.

A igreja, durante a ocupação, mantinha vínculo com o Vaticano e não com Jacarta e reabriu, no ano de 1983, o Externato São José ou como dizem os timorenses a “Escola Portuguesa”. Nessa escola, estudavam os jovens portugueses que haviam ficado no Timor, após a invasão e esperavam seu retorno para Portugal. Em 1987, esses jovens retornaram a sua terra e a escola continuou a ministrar cursos de LP, fora do currículo nacional. Em 1992, logo após o

massacre de Santa Cruz² a escola foi fechada pelas autoridades militares, sob a alegação de que os estudantes da escola estavam “envolvidos na manifestação anti-Indonésia realizada durante a visita do Papa João Paulo II ao Timor-Leste em 1989 e também na manifestação/massacre no Cemitério de Santa Cruz”. (GUNN, 2007, p. 51).

UMA LÍNGUA DA RESISTÊNCIA EM ANÁLISE

É comum ouvir do povo timorense que a Língua Portuguesa é uma língua da resistência em função de ter sido utilizada como “arma branca” durante as guerrilhas que assolaram o país. Partindo desse princípio, buscamos compreender como esse enunciado se cristalizou como tão importante naquele momento (em tais condições de produção) e que assume, ainda hoje, um imponente fator sócio-histórico, político e econômico na base da sua aceitação como língua oficial.

No Timor-Leste há, segundo Hull (2001), dezesseis línguas maternas e mais de trinta e cinco dialetos. Essa variedade de idiomas e dialetos torna-se um facilitador para o aprendizado de outras línguas, o que facilmente é verificado ao falar com uma pessoa que tem contato com mais de um dos idiomas.

Cabe destacar também, que a língua tétum oficial (tetun prasa) provém do contato linguístico entre a língua portuguesa e a língua tétum de origem primária (tetun terik) ainda nos tempos de colonização. Nesse sentido, a língua portuguesa contribuiu, em muito, para a manutenção da base lexical da língua tétum, como também o fez a língua indonésia e, em menor escala, a língua inglesa e a língua malaia (PPP/PQLP, 2014).

A LP configura-se, assim, como uma herança cultural dos antepassados, mais precisamente para os jovens, que hoje estudam em universidades nacionais ou fora do país. Os colonizados por Portugal, ainda que tenham se afastado por muito tempo do ensino da LP, conseguiram compartilhar suas experiências e colaborar para um resgate dessa língua.

Em termos de análise do discurso, o código linguístico mais do que propor novas relações entre significado/significante - ou seja, mais do que prover palavras para nomear o mundo -

²O massacre de Santa Cruz ocorreu em 12 de novembro de 1991, ponto alto da divulgação da causa timorense internacionalmente, quando um grupo de pessoas, que fazia homenagem ao jovem morto Sebastião Gomes, com cartazes e bandeiras reclamando a independência e saudando a resistência, no cemitério de Santa Cruz, foi covardemente alvejado pelos indonésios, causando a morte de centenas de pessoas e deixando outros centos feridos (PPP/PQLP, 2014).

instaura novas formas de representação, carregadas de sentidos de identidade, sob uma memória da resistência, que é o sonho da liberdade ultrajada.

A história de Timor-Leste, em certo sentido, funda-se no “ângulo de reintegração de posse”, não mais, aparentemente, do colonizador para o colonizado, mas agora do colonizado, que se utiliza de um passado opressor e o traz para a história como um mecanismo de liberdade. Então, podemos pensar que Timor-Leste foi liberto pela língua do seu colonizador?

O analista de discurso não põe no divã o sujeito, isso cabe à psicanálise fazer. Sabendo que os sentidos só se dão em relação, que não existem presos às palavras, o que o analista do discurso faz é interrogar, criticar, questionar a produção de evidências nos processos de constituição dos sentidos. Ou ainda: questiona o processo histórico que naturaliza, torna óbvio que UM determinado sentido só pode ser aquele. Há que se compreender, então, qual a relação, em uma formação social, dos aparelhos de Estado na constituição das formas de subjetivação e na produção das evidências dos sentidos. (MARIANI, 2008, p. 29).

As condições de produção do dizer segundo o qual a LP é uma língua da resistência encontram-se no cerne do percurso histórico terrível do Timor-Leste, já que foram numerosos os ataques estrangeiros. Tendo por base esse percurso histórico, desenvolveu-se o questionário para a entrevista anexo ao artigo (ANEXO I). A seguir, há a análise.

No que tange aos aspectos metodológicos, não houve a descrição linguística ancorada em métodos precisos de percepção de prosódia, turnos de fala ou hesitações, como faria a Análise da Conversação, por exemplo. Isso se deve ao fato de que o interesse não é puramente linguístico, mas discursivo. Sobre o uso da entrevista como procedimento para fazer análise do discurso, salientam Caregnatto e Mutti (2006):

[...] na AD não é necessário analisar tudo que aparece na entrevista, pois se trata de uma análise vertical e não horizontal. O importante é captar a marca linguística e relacioná-la ao contexto sócio-histórico. Deste modo, várias leituras do texto farão com que o analista do discurso estranhe aquela(s) palavra(s) ou formas sintáticas... (CAREGNATTO; MUTTI 2006, p. 4).

É pertinente expor a relação desse sujeito com a LP, uma vez que as posições ideológicas que os informantes ocupam constituem-se em diferentes espaços de sentidos, que configuram o que se pode e deve dizer em dadas condições de produção: são as chamadas formações discursivas. O fator idade é pertinente em função do contexto de múltiplas guerras do Timor Leste; em teoria, pessoas mais velhas vivenciaram diferentes experiências (as de violência linguística principalmente), as quais influem (in) diretamente o seu olhar. Foram três perguntas: 1) Você pensa que a Língua Portuguesa foi importante na época da resistência e para a restauração

da independência de Timor-Leste?; 2) Onde, quando, como e com quem usava a LP no passado e como você usa agora, no presente?; e 3) Por que a LP é considerada uma língua da resistência? Os colaboradores de pesquisa estão assim denominados:

- C1 – Membro da equipe da Cultura, de 54 anos.
- C2 – Professor universitário, de 33 anos
- C3 – Professor de Ensino básico, de 60 anos
- C4 – Professor universitário, de 53 anos

As marcas de subjetividade destacadas referem-se a três paradigmas: a) *discurso oficial de resistência*; a *LP como o “outro”* e a *experiência de violência linguística*. O discurso oficial reitera o dizer segundo o qual a LP é muito importante para o Timor-Leste, esse efeito de sentido está materializado na resposta à pergunta número um:

C4 - *Sim, a língua portuguesa era importantíssima para a resistência timorense, porque a língua estrangeira que os guerrilheiros usavam na correspondência interna e externa, por meio da igreja católica, sobretudo os missionários católicos, exemplo: Padres, Bispos, Bispo Saudosos, Bispo D. Martinho Lopes, D. Carlos F. X. Belo, entre outros missionários incluindo Padre Eligio Locateli e Padre João De Deus Pires. (Destaque da autora para efeitos de análise).*

E:

C1 - *Sim, de fato é. Segundo a minha opinião, eu acho, meu parecer, eu acho que a LP é importante, porque, mesmo durante a ocupação Indonésia, mesmo que estavam com os invasores, que não gostavam, não citavam, que existia uma escola que ensina a LP, mas nós, naquela altura, tínhamos estudado numa escola que ensinava a LP, que era dos padres. Nós fomos estudar naquela escola até acabar. (Destaque da autora para efeitos de análise).*

Em C4 há a presença do superlativo “importantíssima”, que garante o efeito de evidência (de obviedade) desse dizer, LP é, sim, importante, ao passo que em C1 há um destaque, marcado pela repetição, entendido aqui como um “reforço”, do modalizador “na minha opinião”, de que esse é um posicionamento pessoal corroborado pela sua formação estudantil. Mesmo em C4, no entanto, há uma marca que chama a atenção: o uso do verbo “ser” no pretérito imperfeito (era) – pode-se questionar até em que ponto não se desloca o efeito para a pergunta negativa: o português foi importante (ou importantíssimo) em dado contexto (a ocupação indonésia), agora não é mais?

Em resposta à pergunta número três, C1 complementa:

C1 - *Sim, eu concordo porque é uma língua que nos distingue, que nós lutamos para manter essa língua desde o início, porque com o apoio dos portugueses é que nós alcançamos a nossa independência e também que a LP é uma língua muito importante porque muitas palavras que usamos vem da LP, por exemplo: Até logo! Vem do português... Boa tarde.. e Obrigado!.. todas são palavras oriundas do português... e agora nós mantemos o Tétum, porque se não for por causa da LP*

o Tétum desaparece. O Tétum de praça, em Timor, a maioria fala o Tétum de praça.. tem quem fala o Tétum de Maubere, de Suai.. mas a maioria em Timor fala o Tétum de praça. Então temos que dar continuidade nessa língua, e também porque os antepassados aprenderam essa língua, e essa língua que ajudou na época da ocupação, porque muitas vezes nossos guerrilheiros comunicavam na LP e os inimigos não percebiam, e por isso que devemos manter e também os portugueses que nos deram apoio lá no exterior. (Destaque da autora para efeitos de análise).

A menção de que a língua Tétum não existiria se não fosse a LP, ancora-se em fatos históricos, uma vez que a LP, atuando como uma língua de guerrilha durante a invasão indonésia, contribuiu para a libertação do país. Conforme Mattoso (2014),

Timor não escapa a esta problemática. Tem um traçado fronteiriço imposto pelo arbítrio das vicissitudes coloniais, sofreu as violências da guerra civil e os horrores de uma longa dominação estrangeira, o seu governo não parece ser capaz de vencer a oposição ou a resistência passiva à língua e à estrutura administrativa que escolheu. Depois de ter ultrapassado de uma forma quase milagrosa a prova da dominação estrangeira, tem agora de demonstrar que a sua consciência de identidade é suficientemente forte para resolver os conflitos internos, de base étnica e de base política, e para sustentar uma cultura própria face às culturas hegemônicas que o rodeiam, nomeadamente a indonésia e a australiana (MATTOSO, 2014, p.1)

O contexto de violência linguística, aliás, é uma realidade “tácita” aos timorenses. Na pergunta número dois, apareceram referências às barbáries de proibição linguística, como ocorreu em alguns outros países como Espanha e Brasil, de forma intensiva. A LP que era a “língua do dominador”, já que foi trazida por Portugal no contexto de exploração imperialista revestiu-se de uma nova “memória” ao tornar-se o seu contrário: a língua da resistência (compreendida pelos locais e desconhecida para os soldados indonésios) ou “arma branca”:

C1 - No passado com os pais, que eles gostavam mesmo dessa língua, então *falávamos em casa com os pais*, de vez em quando e sobretudo nas escolas. Portanto, quando andava na escola, *os professores proibiam para falar Tétum*. (Destaque da autora para efeitos de análise).

Esse processo de reiteração do discurso oficial, contudo, não é de todo tranquilo:

C2 – Sim, eu acho assim, é...essa LP não é uma coisa tão importante pra nós culturalmente, mas depois que nós vimos que a situação tem que mudar, e tem muitas pessoas que pensam que aprendem a LP por interesse, não só nós timorenses mas também os países asiáticos, que agora começar a fazer esse curso de LP. Então *esse* português é muito importante pra nós porque na competição pro futuro é.. é.. vai ser muita disputa com essa LP. E, outra coisa, que como nosso governo aprovou essa língua na constituição e, principalmente, na constituição da RDTL (República Democrática de Timor-Leste) é... *Então pronto, queira ou não quer, nós como cidadãos, temos que seguir esse plano*, porque a LP não causa um problema pra nós, só *é um problema porque vai influenciar na evolução*

da nossa língua própria, ou seja em Tétum, e isso vai ser o problema. Mas acho que é bom, uma pessoa, ela fala muitas línguas, é uma coisa boa. Não são todos os países que fazem isso, é nós um país único que fala muitas línguas. Além disso, o laço da espiritualmente ao português mantém Timor Leste administrativamente a nível internacional. (Destaque da autora para efeitos de análise).

Há um distanciamento marcado pelo pronome demonstrativo no trecho “esse português”, como algo exterior ao sujeito; como se este não se identificasse com a identidade lusófona e marcasse que essa língua não lhe pertence: é sua ou, ainda, está ali à disposição. O processo de silenciamento é demarcado fortemente no trecho “Então pronto, queira ou não quer, nós como cidadãos, temos que seguir esse plano”. A LP, dado o contexto de guerras, é um “intruso necessário” de uma consciência nacional (representada pelo Tétum), que não pode viver por si.

O processo é contraditório, visto que, apesar disso,

C1 - Porque Timor antes dos anos de 1975 era colonizada pelos portugueses, portanto *queira sim, queira não*, a língua oficial era a LP. A LP que se aplicava nas escolas, nos escritórios e em todo o lado. Agora, na ocupação é outra coisa, era uma tática dos guerrilheiros, dos timorenses, para não dar a entender às pessoas o que queriam dizer. E porque que eu digo que é uma língua da resistência, porque apesar de ter uma pressão, um impedimento, com todos os obstáculos, nunca *nós desistimos, até que hoje em dia voltamos a falar o português. Portanto foi uma língua resistente.* (Destaque da autora para efeitos de análise).

Há uma divergência entre C1 e C2, os quais dizem “quer sim, quer não”, reforçando a noção coerente cada um para seu lado na batalha discursiva, em um país com o histórico de invasão e de enfrentamento militar. O silêncio em relação à evidência da importância do português (federal, em função da lei) não é um espaço sem sentido – é, nos termos de Orlandi (2007), a contraparte do real da língua: tão ambíguo e tão dado à incompletude quanto as palavras.

Sobre a pergunta três “Por que a LP é considerada uma língua da resistência?”,

C3 - *A LP foi muito importante porque deu a possibilidade da população timorense fazer suas atividades secretas contra o inimigo indonésio.* (Destaque da autora para efeitos de análise).

C4 - *Sim, a língua portuguesa era importantíssima para a resistência timorense, porque a língua estrangeira que os guerrilheiros usavam na correspondência interna e externa, por meio da igreja católica, sobretudo os missionários católicos, exemplo: Padres, Bispos, Bispo Sandosos, Bispo D. Martinho Lopes, D. Carlos F. X. Belo,*

entre outros missionários incluindo Padre Eligio Locateli e Padre João De Deus Pires. (Destaque da autora para efeitos de análise).

A LP é tanto sinônimo de “possibilidade” de tramar contra o “mal invasor” (C3), importantíssima para comunicação interna e externa entre os guerrilheiros, os soldados libertadores (C4) e, paradoxalmente, é silêncio: o **C2** não respondeu à pergunta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Timor-Leste é um país recentemente independente, que possui uma série de desafios. A constituição da nação é, por si só, um emaranhado de lutas, guerras e violências que deixaram marcas profundas no povo. Apesar disso, transitam discursos valorativos dos timorenses à nação, carregados de orgulho e resistência relacionados, por vezes, à utilização da LP.

Como tratamos anteriormente, língua não é um código estabelecido que promove a relação biunívoca entre palavras e coisas, que serve para nomear o mundo tal e qual ele se apresenta. É, antes de tudo, um emaranhado de memórias e de práticas que se revelam na e pela sua utilização.

Nesse sentido, o estudo investigou a eminência do enunciado “a LP é uma língua da resistência”, presente no ideário do país. Constatamos, com base nas análises, que há certas “marcas subjetivas” que deixam entrever, pelo menos, três discursos constitutivos: a) a questão da necessidade do português (em decorrência, inclusive, por causa da lei que o estabeleceu como língua oficial), b) a experiência de violência linguística, que fere um povo no que ele tem de mais íntimo: a possibilidade de compartilhar e interagir (com) os discursos que os constituem como um “todo social”, isto é, como nação, como pai, como mãe, enfim, circunscritos em um mesmo código (ainda que não se restrinja a ele).

Sobre esse aspecto vale ressaltar que o fato do Tétum não ter, até pouco tempo, uma gramática oficializada (nos referimos à metalinguagem), até bem pouco tempo e de que as línguas de Timor-Leste se mantêm por meio da oralidade, fortalece a memória dos timorenses e os torna mais sensíveis ao som das palavras, perceptíveis à pronúncia e à relação de sentidos que consegue estabelecer com uma ou mais línguas, quando aprende uma nova palavra. A experiência de violência linguística os fez bons contextualizadores, pois conseguem compreender os imbricamentos existentes entre um ponto de discussão no e outro.

E, por fim, c) constatou-se a presença de um terceiro efeito de sentido: o de que a LP é o outro: como se fosse uma etapa ou uma necessidade para que se preserve o Tétum. Esse discurso, em função das condições de produção de censura e repreensão, apresenta-se silenciado

ou subjacente à evidência de o português ser a língua da resistência. De qualquer maneira, essa *formação discursiva* heterogênea e contraditória (como qualquer outra) marca-se pelo desejo da liberdade, pelo sentir-se inteiro novamente: inteiramente timorense – nem português, nem malásio, nem indonésio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAREGNATTO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa Qualitativa: Análise de discurso *versus* Análise de conteúdo.** Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17> >. Acesso em: 10 mar. 2015.

Constituição de **RDTL** – República democrática de Timor-Leste. 2002.

GUNN, Gofrey C. A ocupação Indonésia de Timor Leste: lições e legados para a construção do estado na nova nação. In: Simião, Daniel S.; Silva, Kelly C. (org) **Timor Leste por trás do palco – Cooperação internacional e a dialética da formação do estado.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HULL, Geoffrey. **Timor-Leste: identidade, língua e política educacional.** Lisboa: Instituto Camões, 2001.

MARIANI, Bethania. Língua nacional e pontos de subjetivação. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, 37 (3): 25-31, set-dez. 2008

MATTOSO, José. **O arquivo da resistência e a identidade nacional.** Disponível em: <http://amrtimor.org/drt/index.php>. Acesso nov. 2014

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio no movimento do sentido.** Campinas : Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Unicamp, 1990.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso.** Trad. Bethania S.Mariani [et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

THOMAZ, Luis Filipe. **De Ceuta a Timor.** Lisboa: Difel, 1994.

ANEXO

COLABORADORES DA PESQUISA:

- C1 – Equipe da Cultura - 54 anos
- C2 – Professor universitário – 33 anos
- C3- Professor de Ensino básico – 60 anos
- C4 -Professor universitário - 53 anos

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

1. Você pensa que a Língua Portuguesa foi importante na época da resistência e para a restauração da independência de Timor-Leste?

C1 - *Sim, de fato é. Segundo a minha opinião, eu acho, meu parecer, eu acho que a LP é importante, porque, mesmo durante a ocupação Indonésia, mesmo que estavam com os invasores, que não gostavam, não citavam, que existia uma escola que ensina a LP, mas nós, naquela altura, tínhamos estudado numa escola que ensinava a LP, que era dos pais. Nós fomos estudar naquela escola até acabar.*

C2 – *Sim, eu acho assim, é...essa LP não é uma coisa tão importante pra nós culturalmente, mas depois que nós vimos que a situação tem que mudar, e tem muitas pessoas que pensam que aprendem a LP por interesse, não só nós timorenses mas também os países asiáticos, que agora começar a fazer esse curso de LP. Então esse português é muito importante pra nós porque na competição pro futuro é.. é.. vai ser muita disputa com essa LP. E, outra coisa, que como nosso governo aprovou essa língua na constituição e, principalmente, na constituição da RDTL (República Democrática de Timor-Leste) é... Então pronto, queira ou não quer, nós como cidadãos, temos que seguir esse plano, porque a LP não causa um problema pra nós, só é um problema porque vai influenciar na evolução da nossa língua própria, ou seja em Tétum, e isso vai ser o problema. Mas acho que é bom, uma pessoa, ela fala muitas línguas, é uma coisa boa. Não são todos os países que fazem isso, é nós um país único que fala muitas línguas. Além disso, o laço da espiritualmente ao português mantém Timor Leste administrativamente a nível internacional.*

C3 - *A LP foi muito importante porque deu a possibilidade da população timorense fazer suas atividades secretas contra o inimigo indonésio.*

C4 - *Sim, a língua portuguesa era importantíssima para a resistência timorense, porque a língua estrangeira que os guerrilheiros usavam na correspondência interna e externa, por meio da igreja católica, sobretudo os missionários católicos, exemplo: Padres, Bispos, Bispo Saudosos, Bispo D. Martinho Lopes, D. Carlos F. X. Belo, entre outros missionários incluindo Padre Eligio Locateli e Padre João De Deus Pires.*

2.a Onde, quando, como e com quem usava a LP no passado e como você usa agora, no presente?

C1 - *No passado com os pais, que eles gostavam mesmo dessa língua, então falávamos em casa com os pais, de vez em quando e sobretudo nas escolas. Portanto, quando andava na escola, os professores proibiam para falar Tétum. A única língua que é para falar na escola, é mesmo a LP, e é por isso que falava a LP. E então, para praticar na escola, com os amigos e, sobretudo os portugueses, que naquela altura não falavam Tétum, e aqui era colônia portuguesa, todos eles falavam a LP, e isso era uma vantagem de eu aplicar o meu português.*

C2 – *Eu usava a LP desde o início da minha faculdade aqui, é eu terminei meu estudo em língua Indonésia, durante tantos anos (que vocês sabem, né?) quando eu enfrentei com os professores brasileiros, em 2002, aí pronto.. tem tantas dificuldades que nós temos/ tínhamos naquela época. Mas eu sempre fiquei bem recebida é, porque todos os conteúdos eu relaciono com a LP e, além disso, porque eu já fui acostumada em casa, mesmo que tenha muito patamar, mas uma coisa é assim... quando você quer, que você gosta... aí você aprende, você tem curiosidade pra saber, gosta de construir o conhecimento próprio, aí pronto, isso vai perturbar você, é.. para você aprender, aprender, aprender mais. Essa situação de usar a LP para mim, já não é um problema porque eu acostumei a usar essa língua, e eu também sempre faço meu planejamento, para o processo de ensino e usar com os meninos e eles aproveitam bastante, entendem bastante, com o jeito de falar que eu tenho e pra mim, essa situação não dificulta o meu trabalho, porque eu entendo, eu entendo bem. Posso falar, exemplificar pros meninos sobre tudo aquilo que contem no conteúdo, no planejamento, no ensino da própria disciplina.*

C3 – *No passado, antes da Indonésia, a LP era falada a vontade com os colegas conforme a conversa, mas na época da Indonésia fala-se português secretamente, Para comunicar as novidades um ao outro, numa posição escondida, não ser apanhado pelos indonésios e para prevenir a violência do inimigo. Hoje, uso a LP em qualquer parte e para ensinar os alunos na escola e com os colegas que querem falar a LP.*

C4- *No tempo passado, nomeadamente na época entre 1975 a 1999, a Língua Portuguesa era falada de forma clandestina, entre os próprios timorenses, de forma secreta, na ausência dos militares indonésios.*

Hoje, os Timorenses mantêm o Português a ser língua oficial de Timor, pela razão que o Português hoje em dia atingiu o nível de maior desenvolvimento entre outros países de língua internacional, como Inglês, Espanhol, Chinês e outros. A luz da Língua Portuguesa hoje em dia está na quinta mais falada do mundo, o que dá mais visibilidade ao contexto Lusófono.

2.b Você concorda que a LP seja a língua oficial de Timor-Leste? Por quê?

C1 - *Sim, eu concordo porque é uma língua que nos distingue, que nós lutamos para manter essa língua desde o início, porque com o apoio dos portugueses é que nós alcançamos a nossa independência e também que a LP é uma língua muito importante porque muitas palavras que usamos vem da LP, por exemplo: Até logo! Vem do português... Boa tarde.. e Obrigado!.. todas são palavras oriundas do português... e agora nós mantemos o Tétum, porque se não for por causa da LP o Tétum desaparece. O Tétum de praça, em Timor, a maioria fala o Tétum de praça.. tem quem fala o Tétum de Maubere, de Suai.. mas a maioria em Timor fala o Tétum de praça. Então temos que dar continuidade nessa língua, e também porque os antepassados aprenderam essa língua, e essa língua que ajudou na época da ocupação, porque muitas vezes nossos guerrilheiros comunicavam na LP e os inimigos não percebiam, e por isso que devemos manter e também os portugueses que nos deram apoio lá no exterior.*

C2 - *Sim, LP na verdade é, né? É língua oficial é, porque o acordo (como eu já falei) e a história inseriu lá e depois disso eu acho que no futuro acho que não vai mudar, mas vai se ampliar o espaço pra todas as gerações aprender essa língua. Isso é uma proposta, uma coisa boa. Teria que ter uma proposta de ensino para os professores, né? E os alunos também para aprender.*

C3 - *Concordo 100% que a LP seja uma língua oficial, porque é uma língua muito importante para o povo timorense. Por que com a LP que Timor alcançou a sua independência.*

C4 - *Sim, eu concordo que a Língua Portuguesa tenha sido adotada como língua oficial de Timor-Leste, ao lado de Língua Tétum pelas razões: Razão histórica: o nascimento da RDTL era uma das consequências que mantiveram em segurança, a Língua Portuguesa em Timor-Leste, como ex-colônia de Portugal, ao longo da invasão dos estrangeiros, e ainda importantíssimo, o Timor-Leste ter sido invadido pela Indonésia que permaneceu ao longo de duas décadas.*

3. Por que a LP é considerada uma língua da resistência?

C1 - *Porque Timor antes dos anos de 1975 era colonizada pelos portugueses, portanto queira sim, queira não, a língua oficial era a LP. A LP que se aplicava nas escolas, nos escritórios e em todo o lado. Agora, na ocupação é outra coisa, era uma tática dos guerrilheiros, dos timorenses, para não dar a entender às pessoas o que queriam dizer. E porque que eu digo que é uma língua da resistência, porque apesar de ter uma pressão, um impedimento, com todos os obstáculos, nunca nós desistimos, até que hoje em dia voltamos a falar o português. Portanto foi uma língua resistente.*

C2 – Não respondeu.

C3 - *Razão Política: mantém o Português em Timor-Leste por razão de os líderes Políticos timorenses eram formados em Português, sobre tudo o regime político do espírito Português.*

C4 – *A Língua Portuguesa era a única língua estrangeira, ao lado da Língua Tétum, como instrumento de correspondência entre os guerrilheiros timorenses, que atuavam clandestinamente sob da invasão estrangeira.*